



Lembrando Dinah Silveira de Queiroz

Remembering Dinah Silveira de Queiroz

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil



Resumo: Este artigo é uma apresentação da escritora Dinah Silveira de Queiroz cuja obra percorre vários gêneros: romances, crônicas, contos, artigos e dramaturgia. É difícil destacar e estudar uma particularidade em sua obra, dada a extensão e a diversidade. O que é importante, é ver que ela seguiu várias vertentes: com um romance e vários contos, ligando-se ao fantástico maravilhoso, tema dominante na obra, tanto de um passado remoto, no século XVI, como de um futuro imaginoso, com a vinda de alienígenas entre nós; o lado religioso, com livros que contam a vida de Cristo ou a vida dos primeiros homens sobre a terra depois da queda do paraíso original, como na peça *O oitavo dia*; e as narrativas que se passam na atualidade, tal qual *O verão dos infiéis*, e seu último romance, *Guida, caríssima Guida*. Detenho-me um pouco no livro *Margarida La Rocque* e em um dos contos de *Eles herdarão a terra*. Comento a predileção da autora pelo fantástico maravilhoso.

Palavras-chave: Dinah Silveira de Queiroz; Fantástico; *Margarida La Rocque*

Abstract: This article introduces the writer Dinah Silveira de Queiroz, whose work embraces several genres: novels, chronicles, short stories, articles and drama. It is hard to highlight and to study a particularity in her work, given its extension and diversity. What is important is that she followed different ways: a novel and several short stories linked to the wonder fantastic, which is the dominant theme of her work, from a distant past in the sixteenth century to an ingenuous future with aliens among us; the religious side, with books that tell the life of Christ or the life of the first men in Earth after they were dropped from the original paradise, as in the play *O oitavo dia*; and narratives elapsed in present days, such as *O verão dos infiéis*, and her last novel, *Guida, caríssima Guida*. In this article, I focus on the book *Margarida La Rocque* and in one of her short novels belonging to the book *Eles herdarão a terra*. I also comment about her preference of wonder fantastic genre.

Keywords: Dinah Silveira de Queiroz; Fantastic genre; *Margarida La Rocque*

A questão do cânone – linha de força do GT “A mulher na literatura”, da ANPOLL –, é, bastante importante, visto que lutar pela inserção das mulheres no cânone literário é uma questão feminista: a inclusão das marginalizadas. Por isso, a frase de Antonina Rodrigo¹, que usamos em epígrafe do primeiro volume do *Escritoras brasileiras do século XIX*, “*Mira, Montserrat, si no hablamos nosotras de nosotras, quién lo va a hacer?*”, é ainda muito pertinente. Faremos, nesse artigo, uma apresentação da paulista Dinah Silveira de Queiroz, um dos imortais da Academia Brasileira de Letras. A escritora está um tanto esquecida, ou melhor, pouco lida – apesar de seu centenário ter sido comemorado. O mesmo ocorre com

várias escritoras que fizeram parte do romance de 40/50 e estão quase desaparecidas, das quais nomeio algumas, como: Lúcia Miguel-Pereira, Helena Silveira, Lúcia Benedetti, Carolina Nabuco, Lúcia Machado de Almeida, Ruth Guimarães, Maria José Dupré, Francisca Basto Cordeiro, Emi Bulhões Carvalho da Fonseca, Lásinha Luiz Carlos de Caldas Brito e tantas outras que esqueço...

O romance de trinta para as mulheres – que se poderia chamar de romance dos anos 40/50 –, trouxe poucas escritoras durante os anos 30. Depois do estrondoso sucesso de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, vamos ter o primeiro de Dinah Silveira de Queiroz, que é *Floradas na serra*, em 1939.

A obra de Dinah Silveira de Queiroz percorre vários gêneros: romances, crônicas, contos, artigos e dramaturgia. Durante sua trajetória, ela recebeu prêmios importantes,

¹ RODRIGO, Antonina. *Mujeres para la Historia: la España silenciada del siglo XX*. Madrid: Compañía Literaria, 1996, p. iij. (Prólogo)

como o Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1954, pelo conjunto da obra. Faço, aqui, um breve resumo de sua obra e da repercussão.

Tanto *Floradas na serra* como *A muralha* ganharam adaptações para o cinema e para a televisão, com grande aceitação do público. O romance *Floradas na serra* foi contemplado com o Prêmio Antônio de Alcântara Machado (1940), da Academia Paulista de Letras, transposto para o cinema, em 1955, e filmado em 1953 pelo estúdio Vera Cruz, com direção do italiano Luciano Salce, estrelado por Cacilda Becker e Jardel Filho. Na televisão, houve duas adaptações: uma na TV Cultura, de São Paulo, em 1981, na série “Teleromance”, com Bete Mendes e Amaury Alvarez, e a outra no início da década de 1990, na TV Manchete, com as atuações de Carolina Ferraz, Marcos Winter, Myrian Rios e Tarcísio Filho. O romance *A muralha* foi publicado em homenagem às festas do IV Centenário da fundação de São Paulo e adaptado para a televisão em três oportunidades: a primeira, em 1961, em uma adaptação simples e sem muitos recursos de Benjamin Cattán para a TV Tupi; a segunda adaptação foi de Ivani Ribeiro, em 1968, para uma superprodução da TV Excelsior, que reuniu todo o elenco de estrelas da casa, na época, e, em 2000, quando Maria Adelaide Amaral fez uma das minisséries mais caras da TV Globo².

Seu primeiro trabalho literário recebeu o título de *Pecado*, seguido da novela *A sereia verde*, cuja análise feita pelo crítico Fausto Cunha, que elogiou a obra, foi publicada pela Revista do Brasil. Em 1956, fez uma incursão no teatro com a peça bíblica *O oitavo dia* e, no ano seguinte, publicou o volume de contos *As noites do morro do encanto*, laureado com o Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras (1950). Em 1960, publicou outro volume de contos, *Eles herdarão a terra*, no qual já manifestava seu interesse pela ficção científica, que irá expressar-se melhor em *Comba Malina* (1969).

É bem difícil destacar e estudar uma particularidade de Dinah Silveira de Queiroz, dada a sua extensão e diversidade... Aliás, o próprio período em que ela escreveu apresenta essa característica de variação, de diversidade.

Como assegura Alfredo Bosi,

não é fácil separar com rigidez os momentos internos do período que vem de 1930 até nossos dias. Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza.³

No momento em que Dinah começou a escrever, anos 30, imperava, no romance, o regionalismo, com o aparecimento, entre outros, de *Cacau* (1933), *Suor*

(1934), *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, “cujas interpretações dos costumes brasileiros derivavam do romance realista do século XIX, numa caracterização mais geográfica que estética”⁴. Dinah Silveira de Queiroz vai escolher outro caminho e irá inclinar-se, inicialmente, em favor de sondagens psicológicas. Essa procura por outra via levou seu primeiro romance a se tornar um sucesso de público porque era uma narrativa que tratava de temas do gosto do público, contava histórias e o assunto estava na ordem do dia, como a tuberculose.

Conforme Adonias Filho, “há um grande número de romancistas paulistas que trabalha a temática da introversão, que favorece a especulação psicológica”⁵. Diz o crítico que são inúmeros os elementos comuns que as identificam e termina constatando que há um “romance feminino paulista”. E, segundo o crítico, Dinah se encaixaria nessa qualificação, embora, na minha opinião, essa atribuição do estado de São Paulo à sua obra seja bem discutível, pois é ela muito variada e não é situável em São Paulo. Muitos contos, por exemplo, descambam para o maravilhosos ou para a *science-fiction*...

Parece-nos que, mesmo que a condição da mulher não constitua problema absoluto nessas romancistas dos anos 30/40, conforme afirmou Bella Jozef, “é ela, realmente, a grande personagem, a que habita os romances”⁶.

Talvez devido à predominante voz feminina nesses romances, tenha José Lins do Rego ressaltado, em Dinah,

a feminilidade de sua prosa, a graça de mulher que há na sua expressão literária. Ela não contraria o seu sexo para compor. Pelo contrário, é assim como a mágica Comtesse de Noailles, uma fonte cantando num jardim. O estilo de Dinah Silveira de Queiroz é sóbrio, mas tem sempre o que dar em cor e música.⁷

Trata-se de uma crítica bastante datada. Podemos ver isso na linguagem metafórica do crítico e em suas comparações impressionistas. Como explicar “uma fonte cantando num jardim” para analisar o estilo de um autor?

O que me parece impor-se, o que é importante, é ver que sua obra segue várias vertentes: com um romance e vários contos ligando-se ao fantástico maravilhoso, tema

² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 432-433.

³ Informações bibliográficas colhidas em vários sites da internet, sobretudo no da Academia Brasileira de Letras.

⁴ JOZEF, Bella. A arte de Dinah Silveira de Queiroz. Posfácio a Dinah Silveira de Queiroz. In: *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, p. 160.

⁵ ADONIAS FILHO. “Um romance em Crise”. In: *Modernos ficcionistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p. 161.

⁶ *Ibidem*.

⁷ REGO, José Lins do. Texto da contracapa de Dinah Silveira de Queiroz. In: *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1974.

dominante na obra de Dinah, tanto de um passado remoto, no século XVI, como de um futuro imaginoso, com a vinda de alienígenas entre nós; o lado religioso, com livros que contam a vida de Cristo ou a vida dos primeiros homens sobre a terra depois da queda do paraíso original aparece na interessante peça *O oitavo dia*; e as narrativas que se passam na atualidade, como *O verão dos infiéis*, um romance, segundo os críticos, na linha do *nouveau roman*, e um livro extraordinário de fabulação, que é seu último romance, *Guida, caríssima Guida*. E, dependendo da época escolhida, assim também haveria diferenças muito grandes na linguagem, nos diálogos, no enredo, como, por exemplo, em *Margarida la Rocque*.

Antes do romance *Floradas na serra*, de tanto sucesso de público, Dinah também obteve muito êxito com um de seus primeiros contos, intitulado “Pecado”, escrito da mesma forma que *Floradas na serra* – em um domingo vazio, como contou a autora.

Sim. É um conto. Resolvi-me a escrevê-lo, de repente, dentro de um domingo silencioso e vazio. Lembrei-me de coisas de minha infância, de cenas da fazenda. Do fundo dessas reminiscências surgiu a visão de um tipo inesquecível: um médico vizinho, que possuía uma bela inteligência, uma grande cultura musical, e ali vivia obscuramente. Recordei-me da eterna surpresa de criança quando ouvia aqueles discos... Aquelas harmonias, que nem pareciam deste mundo. Livros e revistas famosos não faltavam ali, com a pobreza e a simplicidade em torno. Juntei a isso tudo a minha fantasia e escrevi o conto. Li-o, depois, sem saber muito bem o que aquilo representava. Meu pai, que deveria ser meu grande animador, envaideceu-se. Levou “Pecado” para o *Correio Paulistano*. E daí a poucos dias lá estava ele, em letra de forma.⁸

O romance de estreia *Floradas na Serra* (1939) representou uma visão sentimental, sem muita novidade técnica, mas que não se parecia à dos escritores de então, mais celebrados. É um romance sombrio, trazendo os dramas de amor e paixão de mulheres doentes da tuberculose, o câncer da época. Nessa primeira narrativa, as personagens começam a ser conhecidas antes de seu aparecimento; depois, ganhamos uma segunda visão através de seus atos e palavras. Dinah não apresenta nenhuma singularidade no estilo desse livro, não traz inovações formais, privilegiando o enredo em detrimento do estilo. Segundo Ivan Junqueira, este e *A muralha* são romances mais medíocres perto de *Margarida La Rocque*. Conforme a própria autora:

Quando comecei, escrevendo *Floradas na Serra*, não tinha ideia de que me embrenhava num compromisso muito sério, mas tive a surpresa de ver meu livro esgotado em 20 dias. Um sucesso talvez pelo fato de

que, naquele tempo, imperava a chamada literatura nordestina. *Floradas na Serra* era um romancezinho lírico, e uma jovem que falava da morte e do amor, e tudo isso que entenece hoje na canção, porque a canção representa um pouco a sede de lirismo que o povo brasileiro tem. Então, embora o livro fosse de uma estreante, representava o painel de uma época e uma crônica de um tempo em que a tuberculose era uma fatalidade. Acabei me tornando, de um dia para outro, uma escritora profissional e isso me obrigou a rumo totalmente diferente na minha vida, porque meu compromisso começou aí (Dinah Silveira de Queiroz).

Sobre o livro, opinou Plínio Barreto, “os panoramas são pintados com sobriedade, os personagens são apresentados e definidos sem excesso de cores e os episódios são distribuídos de modo tal, que a curiosidade do leitor nunca desfalece”. Já, para Nelson Werneck Sodré, *Floradas na serra* “apresenta a plenitude de um poder narrativo... É um bom romance. Há nele grandes qualidades”.⁹ Foi um romance de sucesso de público e de crítica.

No segundo livro, *Margarida La Rocque*, entramos no domínio do fantástico, que parece ser de predileção da autora. Além do romance, escreveu também vários contos dentro do gênero. *Margarida La Rocque* foi publicado no Brasil, em 1949, pela Livraria José Olympio Editora. Na infância, como relatou a própria autora, ela já teria sido motivada a privilegiar a ficção científica. Destaca-se isso no texto da Academia Brasileira de Letras:

Com a morte da mãe, cada uma das irmãs foi para casa de uma parenta. Dinah foi morar com sua tia-avó Zelinda, que tanto influiria em sua formação. Datam desses tempos as temporadas na fazenda em São José do Rio Pardo, na Mogiana. Nas frequentes visitas que o pai fazia à filha, havia sempre tempo para os livros, quando ele lia, em voz alta, as narrativas de H. G. Wells. As passagens da *Guerra dos mundos* causariam grande impressão no espírito da menina, assim como os escritos de Camille Flammarion a respeito de astronomia.¹⁰

Para acompanhar o nascimento da ficção fantástica no Brasil, é importante lembrar que, em 1947, dois anos antes de *Margarida La Rocque*, Murilo Rubião havia editado *O ex-mágico*, que foi comparado pelos críticos a certas obras de Franz Kafka, especificamente *A metamorfose*. Embora isso seja discutível, já que o autor mineiro afirmara que não conhecia, na ocasião, o autor tcheco, havia, segundo as análises, alguns traços comuns

⁸ PEIXOTO, Silveira. *Falam os escritores*. v. II., 2. ed. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971, p. 184.

⁹ Apud JOZEF, Bella, idem, p. 162-163.

¹⁰ No site da ABL, em Biografia.

que permitiriam incluí-los numa mesma família estética, a da literatura fantástica. É preciso, no entanto, prestar bem atenção pois o fantástico de Dinah assemelha-se mais com o maravilhoso, como um conto do tempo do *era uma vez...* Tal qual a literatura medieval europeia, os seres fantásticos da ilha são aparentados com os das histórias de fadas, como a lebre, a dama verde, por exemplo.

Muito bem recebido no estrangeiro, na época de seu lançamento, foi traduzido para o francês e para o castelhano. Pode ser considerado um dos raros exemplos de romance *fantástico* na literatura brasileira, apesar de que, no século XIX, temos um livro que deriva muito para o fantástico, o romance *A Rainha do Ignoto*¹¹, uma curiosa narrativa. Este romance é subtítulo *romance psicológico* mas, na verdade, esse título lhe é dado com outro sentido. Emília Freitas queria diferenciar seu romance do texto realista, então na ordem do dia. Parece-me que a fonte principal desse romance está nas lendas arthurianas, por exemplo, pois tal como a Ilha de Avalon desaparece na bruma, aos olhos dos homens comuns, assim, também, a Ilha do Ignoto é invisível a todos. Porém, o maior interesse desse romance está na criação de uma utópica comunidade de mulheres, uma comunidade perfeita, a das chamadas *paladinas* – que só fazem o bem e só buscam ajudar aos perseguidos, integrando-se numa linha que poderíamos chamar de romance feminista ..., embora muito diferente do romance de Dinah Silveira de Queiroz, que não traz nada disso... Também não se aproxima dos romances do boom latino-americano. Como disse o crítico Per Johns,

nunca é demais repeti-lo – as características sociais, históricas, humanas e literárias do Brasil diferem fundamentalmente das do restante da América Latina. Assim sendo, o *Realismo Fantástico* de García Márquez, Cortázar, Borges, Fuentes e outros nada tem a ver com o brasileiro, antes mágico do que realista, muito mais impregnado de *humour* e leveza, o que não quer dizer que não seja calcado na realidade. É que a realidade brasileira é outra. Imerge suas raízes no Medieval português e se mistura – muito mais do que no restante da América Latina – ao índio primigênio e, sobretudo, traço essencial e único, à mitologia e mundividência do negro, de tão ricas implicações.¹²

Há, entretanto, na literatura brasileira uma floração que, por sua gênese e intenções, se pode propriamente chamar de fantástica. E por fantástico quer-se aqui designar o estado de espírito que apanha no cotidiano o insólito, sem perder nem o cotidiano nem o insólito.¹³

Per Johns, falando do romance em pauta, afirma que ele é um exemplo

de total entrega ao demônio, exemplo essa *avis rara* da literatura brasileira, *Margarida La Rocque* (1949),

de Dinah Silveira de Queiroz. É a história de uma possessão demoníaca na época crucial em que, a par dos descobrimentos, em meio ao século XVI, começou a disparar o relógio mental (tecnocientífico)...¹⁴ (2006).

Dinah afastou-se do realismo e criou uma ficção fantástica num mundo que descobria o fantástico da América, época dos descobrimentos e do maravilhoso. A sua ficção caminha por vários gêneros, mas privilegia o fantástico e a *science fiction*, como dissemos acima.

Em nota prévia à *Margarida La Rocque*, como o fez em todos os seus livros¹⁵, a autora explica a gênese do romance:

Este Romance foi inspirado numa breve passagem da *Cosmografia* do Padre André Thévet.¹⁶ É uma história de seu tempo. Traz a realidade maravilhosa de uma época em que a Europa vivia abalada pelos sonhos dos descobrimentos, quando as paredes das tavernas e hospedarias eram cobertas de desenhos representando índios, monstros, serpentes e demônios que os marinheiros teriam conhecido nas jovens terras pagãs. Cada viajante trazia seu extraordinário episódio. Margarida La Rocque conta a um padre sua pungente história. Estão os dois sob as arcadas de um convento. Vai a meio o século dezesseis.

No dizer de Renard Perez, *Margarida La Rocque* representa um abismo de distância num confronto com seu romance de estreia:

É uma obra estranha, em que a escritora toma caminhos completamente inesperados. Nada existe, aqui, do romantismo juvenil de *Floradas na Serra*; é como uma libertação. A história recua no tempo – o romance se passa na época dos Descobrimientos – e no espaço – Dinah vai buscar sua heroína na França, para jogá-la numa ilha perdida, com sua ama e seu amado. O romance é o conflito desse trio, a mover-se num clima de pesadelo. História de angústia e de aviltamento a que pode chegar o ser humano, movido pelo ciúme e pela solidão. Quanto à técnica e ao estilo, a autora realizou-se também amplamente, fazendo de seu livro uma bela realização literária. Não só dentro da obra de

¹¹ FREITAS, Emília. *A rainha do ignoto*. Atualização do texto, introdução e notas por Constância Lima Duarte. 3. ed. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013

¹² JOHNS, Per. Realismo fantástico e floração ecológica. *Agulha Revista de Cultura*, 51, Fortaleza, São Paulo, maio/junho, 2006.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ É interessante notar que Dinah Silveira de Queiroz sempre escreveu prefácios para seus textos. Isso mereceria um outro estudo...

¹⁶ André Thévet (Angoulême, 1502-Paris, 23 de novembro de 1590) foi um frade franciscano francês, explorador, cosmógrafo e escritor que viajou ao Brasil no século XVI, tendo escrito obras sobre os costumes da terra, naquele tempo. André Thévet acompanhou Villegagnon ao Rio de Janeiro no projeto da França Antártica e retratou, como poucos, os habitantes, costumes, fauna e flora do Brasil de então.

Dinah Silveira de Queiroz *Margarida La Rocque* é um caso a parte – mas dentro da própria literatura moderna, que tem nesse romance (já traduzido para o francês e o espanhol), um de seus grandes momentos.¹⁷

Margarida La Rocque, o livro de predileção invariável de DSQ ao longo de sua vida, é escrito em uma linguagem que apresenta um tom levemente arcaizante. Frases longas, o uso da segunda pessoa do plural, o vós, a escolha do vocabulário com o emprego de palavras em desuso. Diz o crítico Ivan Junqueira que Dinah Silveira de Queiroz será sempre lembrada e celebrada graças a esse extraordinário *Margarida La Rocque*:

Mas o que de fato cria a intriga, o clima espectral do romance, o que lhe confere a condição de obra-prima, é a linguagem através da qual se torce e contorce a pungente e insólita história que a personagem central relata a um interlocutor mudo, talvez o avesso de sua própria consciência.¹⁸

Diz, ainda, o crítico, que DSQ recorreu a dois elementos estilísticos basilares:

intensa pulsação poética e arcaização da linguagem, de que se serviu com incedível mestria, (...), criando, assim, o claro-escuro, a movediça franja de luz e treva indispensável à operação de fazer com que se fundissem, em um único mosaico ficcional, o real e o irreal, o corriqueiro e o fantástico, o pagão e o cristão.¹⁹

DSQ sempre explicou, em entrevistas diversas, que esse romance deveria entender-se como o reflexo de um grande sofrimento por que ela atravessara à época em que o concebeu e escreveu. Diz Renard Perez que foi o falecimento de seu pai que a mergulhou em um grande abatimento, tendo passado seis meses afastada da literatura.

O romance é apontado por muitos críticos como precursor do realismo fantástico. Aguinaldo Silva colocou-o na lista dos dez maiores livros da literatura brasileira, ao lado de *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, e outros. *Margarida La Rocque* foi traduzido e editado em espanhol, italiano, francês, japonês e coreano. A escritora Colette disse desse romance: “Le meilleur démon de notre enfer!”.

Margarida La Rocque tem como subtítulo “A ilha dos demônios”, como passou a chamar-se na tradução francesa. Neste romance, escrito na primeira pessoa do singular, a visão que se tem dos outros personagens é proporcionada pela própria Margarida e não se tem a vivência das demais personagens. Por exemplo, do primo, não se sabe bem suas razões mais profundas para deixá-los como castigo na ilha deserta; do amante, não se sabe

realmente a extensão de seu afeto por Margarida; da ama e de sua transformação, não se sabe o que realmente fez, o que pensa... No plano do simbólico, pode-se considerar esta narrativa como o exame dos demônios interiores do artista, segundo analisa Bella Jozef em excelente estudo sobre a autora:

A aventura narrada é, na realidade, aventura interior, a descida ao inferno da solidão que conduz Margarida diante de sua própria imagem. É, em suma, o combate do espírito contra os fantasmas surgidos das profundezas do ser, que é o combate do artista contra o mundo, a luta permanente do escritor. A literatura fantástica é a libertação pelo sonho, a liberdade que o artista tem de sonhar e de criar um mundo e uma vida. Ao descer ao mais profundo de si mesma, Margarida vai ao encontro de todos os seus desejos, inclusive os mais vis. É a procura da liberação total, sua ação se dirige para um “segundo nascimento”, libertada de seus demônios interiores.²⁰

A história já se prepara, no início, por uma profecia, bem ao estilo dos contos fantásticos. A profecia augura má sorte para a pequena Margarida, tal como nos contos de fadas como *A bela adormecida no bosque*, e a família protege-a sempre até que ela, adolescente, conhece o futuro marido e muda-se para Paris. O marido viaja e, passando muito tempo sem dar notícias à esposa, Margarida embarca num navio dirigido por um primo e vai à procura do esposo. É a época de viagens difíceis e demoradíssimas. Nesse barco, no meio daqueles homens, Margarida vive uma experiência sexual prazerosa com um dos marinheiros. Descobertos, eles são castigados e abandonados na Ilha dos Demônios. Nesta, os três passam a lutar pela sobrevivência, a construir uma cabana para se protegerem das intempéries, a caçar, pescar, salgar a carne. Margarida fica grávida e tem um filho saudável. O cavaleiro cai doente e morre. A ama, acusada por Margarida de ter mantido contacto sexual com o cavaleiro, apesar de suas negativas, suicida-se, e o filho morre... Resumindo dessa maneira, perde o romance a sua tensão! Ao ser resgatada, sozinha, na ilha, por um barco de pescadores, Margarida descobre-se muito velha e é então que passa a relatar suas aventuras e seus encontros com os seres fantásticos que habitam a ilha: a lebre, a dama verde, o Cabeleira... Mas só essa personagem tem tais visões e contactos.

Além desse belo romance, a autora foi também uma grande contista. Em 1957, ela publicou uma série

¹⁷ PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 120.

¹⁸ JUNQUEIRA, Ivan. Dinah: os evangelhos e uma obra-prima. *Ensaios escolhidos*. v. 2. São Paulo: A Girafa Editora, 2005, p. 88-93.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ JOZEF, Bella. Posfácio a Dinah Silveira de Queiroz. In: *Seleto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, p. 163.

de contos – *As noites do Morro do Encanto* e, em 1960, *Eles herdarão a terra*, contos também tendendo para o fantástico – o estranho junto ao cotidiano.

Em *Eles herdarão a terra*, volta a escritora à ficção científica. O livro de contos é subdividido em três partes: “A antecipação”, com os contos mais instigantes, como “A universidade marciana”, “O carioca” e “Eles herdarão a terra”. A segunda parte intitula-se “O cotidiano” e a terceira, “O sobrenatural”, cada uma com somente um conto. A temática de “A antecipação” é a de que os extraterrenos estão entre nós porque seus mundos não têm mais sol nem luz e, além de poderem ensinar-nos muitas coisas, estão à espera de herdarem a terra. Daí o título... “A universidade marciana” é a reunião de pessoas de diversas regiões do globo e de diversas origens, em Roma, sob a direção de um papa chinês, Pio XIII, para dialogarem com os extraterrestres e deles aprenderem mais sobre suas próprias atividades e profissões. Dinah foi precursora em escolher um papa de origem chinesa, já que hoje, em todos os produtos, estamos dominados pela China...

Todo o fantástico de Dinah não tem relação alguma com contos de horror, ou contos no estilo de Edgar Allan Poe. Dentre os que citei, o que me pareceu mais interessante, porque traz uma narradora mulher e uma situação muito ambígua, é o conto “O carioca”. A narradora é viúva e muda-se para um prédio novo, em Copacabana. Para lá, muda-se também um homem, igualmente sozinho. Conhecem-se e ele mostra-lhe suas criações cibernéticas. Dentre elas, um grande robô de nome Carioca. O cientista passa todo o seu tempo atrás de senadores e ministros, visando à divulgação de seu invento e à venda do robô. Enquanto isso, ela, que já vive um romance com ele, fica sozinha com o Carioca. E é essa parte mais interessante da noveleta, uma vez que ela começa a tentar seduzir o robô para que ele não a ameace. Ele subitamente a aperta e ela sopra no seu pescoço para tentar libertar-se. Com isso, ele para de apertá-la e permite-lhe desvencilhar-se. Essa cena sugere que o robô estaria interessado sexualmente nessa mulher; ideia muito estranha, mas que vem a ser a causa do rompimento entre o criador e a amante quando este descobre a mudança do robô...

Este conto é estranho, é insólito porque o assunto é estranho e tratado de uma maneira cotidiana, muito simples e banal. Daí o estranhamento... Mas é interessante e muito criativo. Essa forma de ficção, desenvolvida no século XIX (Jules Verne, Mary Shelley, Robert Stevenson, etc.) explorou principalmente o impacto da ciência sobre a sociedade.

Devo me perguntar, agora, como é retratada, realizada a personagem mulher na obra de Dinah. Além das figuras de mais força de *A muralha*, como Mãe Cândida, Isabel ou Cristina, temos Margarida, de

Margarida La Rocque, e a figura de Guida (do romance *Guida, caríssima Guida*), fortíssima, inacessível, egoísta, egocêntrica, ambiciosíssima. Uma mulher sem muitos escrúpulos, amada por quase todos, odiada por muitos. É a figura do último grande romance, visto que, depois deste, só publicou os que relatam a vida de Cristo, em 1974, *Eu Venho, Memorial do Cristo I*; em 1977, *Eu, Jesus, Memorial do Cristo II*.

Outra figura de mulher também a se destacar é a de Hava (Eva), na extraordinária peça *O oitavo dia*. Eva, a mãe dos muitos filhos que povoaram a terra.

As mulheres de Dinah são as que conduzem as tramas. São fortes, lutadoras e, na maioria, pecadoras. Não as há sem defeitos, sem ciúmes, sem invejas, sem preconceitos e sem pecados.

Depois das mulheres dos anos 10/20, com obras de pouca repercussão crítica, o advento de Rachel, em 30, e de Dinah, em 39, foi realmente um acontecimento singular. Mulheres escrevendo e com assuntos diversos de suas antepassadas? Sim, e é isso que importa assinalar. E o que aconteceu para isso? Como disse Rachel, em crônica já mencionada,

é bom acabar em esse clima de anedota que cerca a literatura feminina, aqui no Brasil. Acabar com esse costume de sorrir e encolher os ombros quando se fala em escritora ou, pior ainda, essa maneira equívoca de elogiar: quando querem dizer que a gente escreve bem, dizem que escrevemos “como um homem”. Hoje não se precisa escrever como homem, para escrever bem. Já existe realmente uma literatura feminina – sem pejorativo; excelentes escritoras femininas, escrevendo livros de mulher – quero dizer, o conteúdo, o sentido profundo, a própria alma dos livros genuinamente femininos...²¹

Analisando as principais mudanças, vê-se que o estilo tornou-se mais enxuto, os adjetivos escassearam, e o amor entre homem e mulher não foi mais o assunto central, principal. Presente, sim, mas não mais o motor da narrativa, como em suas antepassadas...

Por este rápido resumo da principal temática de alguns livros, vemos que o que persegue Dinah não é banal – são as relações humanas com seu cortejo de sentimentos contraditórios: amor e ódio, sendo que a inveja e o ciúme aparecem em mais de um conto como motor principal da narrativa, e isso desde o primeiro livro, *A sereia verde* (primeiro escrito, não o primeiro publicado), elogiadíssimo por Fausto Cunha, ou seu primeiro conto, *Pecado*, muito interessante e estranho também.

²¹ Apud CUNHA, Cecília. *Vivência escrita*: a crônica de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro* – Anos 50. 2013, p. 270 e seg.

Li com prazer todos os livros de Dinah e o que me espanta é a variedade temática, a variedade de gêneros abordados. Ela sempre buscou sair da mesmice, escrever algo ainda não escrito na busca pelo diferente. E parece-me que o conseguiu.

Do singelo primeiro romance, *Floradas na serra*, ao último, *Guida, caríssima Guida*, há uma mudança de tom e, sobretudo, um amadurecimento da escritora. Entre seu primeiro romance, de uma época mais jovem, com apenas 28 anos, para o romance *Guida*, seu último livro, escrito com 70 anos, há um grande salto de qualidade estética. *Guida* é um romance sombrio no meio da luminosidade de Roma!

Em Lisboa, onde a escritora residiu de 1979 até 1982, ano de seu falecimento, ocorrido em São Paulo, Dinah Silveira de Queiroz escreveu um romance de atualidade, passado em Portugal, Suíça, Itália e São Paulo. Nele, conta a história de uma mulher bela e má, movida pelo propósito de crescer, subir, brilhar e afastar de si o próprio filho, estranho alvo de sua desafeição, ao ponto de negar sua condição de mãe. Numa narrativa entremeada de acontecimentos do tempo – Dinah redigiu o romance com os jornais e revistas da época à mão para inserir no entrecho os acontecimentos internacionais à medida que se davam – sequestros, terremotos, eleições, escândalos –, desenrola-se o fio de uma história terrível. Por vaidade e por ambição de impor-se, vencendo antigos complexos, pelo ideal do luxo, da beleza e da elegância, Guida chega ao ponto de conduzir seu filho a uma cena de incesto para provar-lhe que não era sua mãe. No fundo, porém, perpassa ao longo do livro *Guida, Caríssima Guida* (este é o título da edição brasileira; em Portugal, foi publicado pela Editora Livros do Brasil sob o título *O desfrute*), leve sombra de ambiguidade sobre a filiação da personagem Marcos, o marido, problema que a autora, em sua artilosa trama, preferiu não esclarecer de todo.

Analisando a época do assim chamado “romance de trinta”, vejo que devemos olhar um pouco para outras artes, como a que está estreitamente ligada à literatura: o cinema. Há uma espécie de zeitgeist, de espírito do tempo, e é notável o quanto isso se encontra em mais de uma expressão artística. O romance de trinta, pelo menos o das mulheres, se aparenta ao dramalhão, aos dramas estrelados no cinema por Bette Davis, por exemplo. Pense-se em *A malvada*, em *Pérfida* (1941), *Jezebel* (1938), *Que o céu a condene* (1946) e outros, todos dos anos 40. Em *Guida, caríssima Guida*, vamos ter uma mulher desse tipo: má e ambiciosa, capaz de tudo para atingir seus fins: ser dona de toda a fazenda onde seus pais foram meros trabalhadores.

O romance de Dinah não segue um molde uniforme e, se tem uma dominante, que é a do romance histórico, também apresenta variados gêneros, por outras formas,

como a do fantástico, o introspectivo e, principalmente, o romance de personagem. Sempre mulheres, as personagens principais, mas trazendo, também, uma linha que permite a personagens masculinas aparecerem com seus dramas e problemas.

Na Apresentação que escreveu, Dinah faz afirmações importantes sobre sua última narrativa e associa o romance ao *Margarida La Rocque*.

Neste romance, escrito em Lisboa no período de três meses, entre 5 de novembro de 1980 e 12 de fevereiro de 1981, procurei reunir ambientes verdadeiros como cenário para personagens totalmente criados por mim. (A única mulher não inventada é um fantasma, Dona Olímpia Maidalchini, primeira senhora do Palácio Doria Pamphili, em Roma.)

Sua leve inspiração – a do livro – me veio do conto “Guida”, publicado em 1972 no Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo e, anos mais tarde, 1980, na revista Colóquio Letras da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa. Lido por Lygia Fagundes Telles, a grande escritora e amiga fez a pergunta: – “Por que você jogou isto num conto? Deveria ser um romance. Acho que deve escrevê-lo”. E assim foi feito. Em seu desenrolar, os acontecimentos históricos que surgem no decorrer do entrecho aparecem em tempo de romance e não do calendário desses três meses em que redigi a narrativa. Na sua aparência primeira, a do princípio do livro, deve parecer obra fútil. Previno ao leitor que é um romance cruel e seu final, talvez, o mais carregado de dramaticidade de tudo quanto escrevi, ficando Guida, a figura principal, como um contraste entre seu fascínio e sua abissal personalidade. Depois do Memorial do Cristo não pretendia mais fazer outra obra. Aconteceu. Perguntou-me se Guida não é o reflexo de hoje de Margarida La Rocque de ontem? Respondam críticos, leitores. A criatividade ainda tem sua força de arrastar o leitor, como a torrente em que se transformou este livro, num mistério para sua própria autora que em três meses mudou, inteiramente, sua escrita.

D.S.Q.

Lisboa, maio de 1981

O romance de mulher no Brasil não é mais só o intimismo, a confissão, a busca de um lugar, a busca de espaços. O romance de mulher hoje, no Brasil, é a busca de todo ser humano de todos os tempos e de todos os lugares: a busca da resposta às perguntas: para onde vamos, quem somos, pelo que lutamos. E a resposta dada pelas mulheres é a extremada lucidez e o mergulho inevitável no obscuro. Pois, como diz Mora Fuentes (contracapa do romance de Hilda Hilst), “nada pode ser mais obscuro do que a ideia da Morte e a certeza da nossa própria finitude”.²²

²² Hilda Hilst. *A obscena senhora D*. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

E, com outras escritoras, chegamos a outro estágio dessa ficção. Uma narrativa centrada na mulher, mas cujo objetivo maior é a resolução dos problemas estéticos.

Referências

- ADONIAS FILHO. “Um romance em crise”. In: *Modernos Ficcionistas Brasileiros*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958. p. 161.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 432-433.
- CUNHA, Cecília. *Vivência escrita: a crônica de Rachel de Queiroz em O Cruzeiro – Anos 50*. Florianópolis: Mulheres, 2013.
- JOHNS, Per. Realismo fantástico e floração ecológica. *Agulha revista de cultura*, 51, Fortaleza, São Paulo, maio/junho, 2006.
- JOZEF, Bella. A arte de Dinah Silveira de Queiroz. In: *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- JOZEF, Bella. Posfácio a Dinah Silveira de Queiroz. In: *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- JUNQUEIRA, Ivan. Dinah: os evangelhos e uma obra-prima. *Ensaio escolhido: da prosa de ficção, do ensaísmo e da crítica literária*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005. v. 2. p. 88-93.
- LAURIA, Márcio José. A esquecida Dinah. Disponível em: http://www.angelifire.com/Linux/genealogia_cearense/index_dinah.html.
- PEIXOTO, Silveira. *Falam os escritores*. 2. ed. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971. v. II. p. 184.
- PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 120.
- REGO, José Lins do. Texto da contracapa de Dinah Silveira de Queiroz. In: *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1974.
- RODRIGO, Antonina. *Mujeres para la Historia: la España silenciada del siglo XX*. Madrid: Compañia Literaria, 1996. p. iii. (Prólogo)
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Recebido: 10 de outubro de 2013
Aprovado: 01 de novembro de 2013
Contato: zmuzart@gmail.com